

## Lição VI

17 de dezembro de 1958

Fiz alusão da última vez à gramática francesa de Jacques Damourette e de Edouard Pichon<sup>1</sup>. O que disse da negação, do forclusivo e do discordante (*discordantiel*) está repartido em dois pontos desta gramática, no segundo volume em um artigo sobre a negação, onde fixa os caracteres do forclusivo e do discordante. Este forclusivo que está tão singularmente encarnado na língua francesa pelos *pás, point* ou *personne, rien, goût, ni*, que levam eles mesmos este signo de sua origem no traço, como vocês vêem, por isto, são as palavras (*mots*) que designam o traço; é aí que a ação da forclusão, o eixo simbólico da forclusão está rejeitado em francês, ficando o *não* reservado ao que ele é mais originalmente, o discordante.

A negação, em sua origem, em sua raiz lingüística, é algo que emigra da enunciação até ao enunciado, como tentei mostrar-lhes da última vez. Mostrei-lhes como se pode representá-lo sobre este pequeno grafo do qual nos servimos. Ficamos na última vez neste posicionamento dos termos do sonho, *que de não sabia que estava morto* e é ao redor deste *segundo (selon)*, do *segundo seu voto (selon son vote)* que havíamos designado o ponto de incidência real, enquanto que o sonho, por sua vez, marca e porta o desejo (*désir*).

Nos falta ainda, para continuar a avançar, nos perguntar em que e por quê uma tal ação é possível, e eu queria, para terminar, mostrar ao redor de que eu pensava interrogar esta função do desejo do modo como está articulada em Freud, nomeadamente ao nível do desejo inconsciente. Eu pensava interrogar desde esta fórmula com a qual temos mostrado a estrutura deste sonho, isto em que ele consiste, quer dizer, este enfrentamento. O sujeito é outro, um *a* minúsculo na ocasião; o pai reaparece vivo a propósito do sonho e no sonho, e se encontra ser em relação ao sujeito, relação da qual começamos a interrogar as ambigüidades, destas que fazem com que o sujeito se carregue disto que temos chamado a dor de existir, isto em que ele viu a alma agonizar e que o fez desejar a morte. Desejar a morte na medida em que nada é mais intolerável do que a existência reduzida a ela mesma, esta existência além de tudo o que a pode sustentar; esta existência sustentada precisamente na abolição do desejo.

E nós temos indicado aí pressentir que nesta repartição, eu diria das funções intrasubjetivas, que fazem com que o sujeito se carregue com a dor do outro, jogando sobre o outro o que ele não sabe e o que ele não é, na ocasião isto não é outra coisa que sua própria ignorância de si, enquanto sujeito, ignorância na qual é precisamente o desejo do sonho que deseja sustentar-se, que deseja se entreter, e aqui o desejo de morte toma seu pleno sentido que é o desejo de não despertar, de não despertar para a mensagem, que é precisamente o mais secreto, que é carregado pelo próprio sonho e que é isto: é que o sujeito pela morte de seu pai está daí em diante defrontado à morte, justamente esta da qual a presença do pai o protegia, quer dizer [enfrentado] a isto que está ligado à função do pai, a saber este algo que está presente na dor de existir, este algo que é o pivô ao redor do qual gira tudo o que Freud descobriu no complexo de Édipo, a saber, o X, a significação da castração. Tal é a função da castração.

---

<sup>1</sup> Editor d'Arthoz.

17 de dezembro de 1958

O quê significa assumir a castração? É a castração verdadeiramente assumida alguma vez? E esta espécie de ponto ao redor do qual vêm quebrar-se as últimas ondas da análise, finita ou *indefinida*, como diz Freud, o que é? E até que ponto neste sonho e a propósito deste sonho o analista não está aí somente no direito, na posição, na potência, no poder de interpretar?

É sobre isto que no final do que dizíamos na última vez deste sonho eu deixei colocada a questão: os três modos, por parte do analista, de reintroduzir o *segundo seu voto* o modo segundo a fala do sujeito, segundo o que o sujeito quis e do qual tem perfeitamente a lembrança que não é de modo nenhum (*n'est point*) esquecido; quer dizer que *segundo seu voto* restabelece aí, ao nível da linha superior de *segundo seu voto* restabelece ao nível do enunciado escondido da lembrança inconsciente os traços do complexo de Édipo, do desejo infantil da morte do pai que é este algo do qual Freud nos diz que está em toda a formação do sonho, o capitalista, este desejo infantil que por ocasião de um desejo atual se expressa no sonho e que, longe de ser sempre um desejo inconsciente, encontra o empreendedor.

Este *segundo seu voto* restaurado ao nível do desejo infantil, não é algo que se encontre aí em posição de ir no sentido do desejo do sonho, posto que se trata de interpor neste momento crucial da vida do sujeito que é realizado pela desaparecimento do pai, pois que se trata no sonho de interpor esta imagem do objeto e incontestavelmente o apresenta como suporte de um véu, de uma ignorância perpétua, de um apoio dado a isto que era em suma até aí o álibi do desejo, pois do mesmo modo a função mesma da interdição veiculada pelo pai, está bem aí algo que dá ao desejo em sua forma enigmática, quer dizer abissal, este algo no qual o sujeito se encontra separado, este resguardo, esta defesa no final das contas, como bem o entreviu Jones, e nós veremos hoje que Jones teve certas percepções muito extraordinárias de certos pontos desta dinâmica psíquica, este pretexto moral para não afrontar em seu desejo.

Podemos dizer que a interpretação pura e simples do desejo edípico não seja aqui algo que, em suma, se enganche a alguma etapa intermediária da interpretação do sonho? Permitindo ao sujeito fazer o quê? – Para falar com propriedade, este algo em que reconhecerão a natureza com a designação de identificar-se ao agressor, isto é outra coisa que a interpretação do desejo edípico, neste nível e nestes termos em que vocês quiseram a mortes de seus pais em tal data e por tal razão. Em vossa infância, em alguma parte da infância está a identificação ao agressor. Vocês não a reconheceram tipicamente senão por ser uma das formas da defesa, isto é essencial? Não há aí algo que se proponha no mesmo lugar em que esteja elidido o *segundo seu voto*? Será que o *segundo* e seu sentido não estão para uma interpretação plena do sonho? Sem dúvida alguma isto, deixando de lado as oportunidades e as condições que permitem ao analista chegar até aí, elas dependerão do tempo do tratamento, do contexto da resposta do sujeito nos sonhos, pois nós sabemos que na análise o sujeito responde ao analista, pelo menos a este que se tornou analista na transferência, por seus sonhos. Mas essencialmente, eu diria, na posição lógica dos termos, não se trata de que ao *segundo seu voto* está colocada uma questão à qual nós nos arriscamos sempre de dar uma forma precipitada, alguma resposta precipitada, alguma resposta prematura, alguma evitação oferecida ao sujeito daquilo de que se trata, a saber o impasse em que o coloca esta estrutura fundamental que faz do objeto de todo desejo o suporte de uma metonímia essencial, e algo onde o objeto do desejo humano como tal se apresenta sob uma forma evanescente na qual nós podemos entrever que a castração pode ser o que nós poderíamos chamar o último temperamento?

Eis-nos aqui, pois, levados a retomar por outra ponta, quer dizer, por aquela que não está dada nos sonhos, para interrogar mais de perto o que quer dizer, o que significa o desejo humano, e se esta fórmula, quero dizer este algoritmo, o \$ enfrentado, colocado em presença, em frente ao *a*, ao objeto, e nós temos introduzido com este propósito estas imagens do sonho e do sentido que nos é aí revelado, não é algo que nós possamos tentar colocar a prova da fenomenologia do desejo, tal como ela se apresenta a nós, coisa curiosa, do desejo que está aí, que está aí desde ..., que está aí no coração de ..... . Tentemos ver sob qual forma o desejo para nós analistas se apresenta. Este algoritmo não vai poder nos guiar juntos pelo caminho de uma interrogação que é a de nossa experiência comum, de nossa experiência de analistas, da forma na qual no sujeito, no sujeito que não é obrigatoriamente nem sempre o sujeito neurótico do qual não há razão para presumir que sobre este ponto sua estrutura não esteja conclusa, ainda que possa ser reveladora de uma estrutura mais geral. Em todo o caso está fora de dúvida que o neurótico está situado em alguma parte nisto que representa seus prolongamentos, os processos de uma experiência que para nós têm valor universal. É bem aí o ponto sobre o qual se desenvolve toda a construção da doutrina freudiana.

Antes de entrar em uma interrogação sobre algumas das formas nas quais tem sido abordada esta dialética das relações do sujeito com seu desejo e, fundamentalmente, o que anunciei há pouco do pensamento de Jones, pensamento que ficou no caminho e que seguramente entreviu, vocês verão, alguma coisa. Quero referir-me a algo recolhido da experiência clínica mais comum, a um exemplo que me apareceu muito recentemente em minha experiência e que me parece adequado para introduzir o que tratamos de ilustrar.

Tratava-se de um impotente. Não está mal partir da impotência para começar a se interrogar sobre o que é o desejo. Nós estamos, em todo o caso, seguros de estar no nível humano. Tratava-se de um jovem sujeito quem, por suposto, como muitos impotentes, não era de todo impotente. Ele havia feito amor normalmente ao longo de sua existência e ele havia tido algumas relações. Ele estava casado e era com esta mulher que as coisas não andavam bem. Isto não cabe no termo impotência por estar localizado precisamente no objeto com o qual as relações são para o sujeito as mais desejáveis, pois ele amava sua mulher. O termo não parece apropriado. Vejamos então mais de perto o que apareceu após um certo tempo de exame analítico das proposições do sujeito. Não se tratava absolutamente de que lhe faltasse todo élan, mas se ele se deixava conduzir uma tarde, e alguma coisa sem importância que estava no período atual sendo vivido na análise, poderia ele, este élan, sustentá-lo? As coisas haviam ido muito longe no conflito entranhado por esta carência que ele acabava de atravessar. Estava ele no direito de impor à sua mulher ainda uma nova prova, alguma nova peripécia em suas tentativas e em seus fracassos? Para ser breve, este desejo do qual sentia-se de todos os modos seguramente que ele não estava de modo nenhum ausente de toda presença, de toda possibilidade de realização, este desejo, ele era legítimo?

E não podendo mostrar aqui maiores referências a este caso preciso do qual, bem entendido, eu não posso dar aqui por toda sorte de razões a observação, pois trata-se de uma análise em curso além de outras razões (é este o inconveniente que há sempre de se fazer alusões a análises presentes), eu tomarei de empréstimo a outras análises este termo de fato decisivo em certas evoluções condutoras por vezes à separações, para ver isto a que chamamos as perversões de uma outra importância estrutural, esta que a que se mostrou a nu, se podemos dizer assim, no caso de impotência.

Evocarei pois o relato (*rapport*) que se produz em certos casos na experiência, no vivido pelos sujeitos e que aparece todos os dias na análise, uma experiência que pode ter uma função decisiva mas que, como em outras situações, revela uma estrutura, o ponto em que o sujeito se coloca a questão, o problema: ele tem um falo suficientemente grande? Sob certos ângulos, sob certas incidências, esta questão por si mesma pode entranhar toda uma série de soluções as quais se sobrepõem umas às outras, se sucedendo e se somando, podendo levá-lo para bem longe da área de uma execução normal disto para o que ele tem todos os elementos.

Este “falo suficientemente grande” ou, mais exatamente, este falo essencial para o sujeito num momento dado de sua experiência se encontra forcluído e é algo que nós reencontramos sob mil formas, desde logo nem sempre aparentes e manifestas, latentes, mas é precisamente no caso – como diria M. de La Palice – o momento desta etapa está aí a céu aberto a ponto de podermos vê-lo e tocá-lo, e também lhe dar seu alcance.

O sujeito, se posso dizer assim, nós o vemos mais de uma vez na confrontação, na referência a algo que nos faz ligar ao momento de sua vida, freqüentemente em torno e ao despertar da puberdade, onde ele encontra o signo; o sujeito é aí confrontado com algo que, como tal, é da mesma ordem disto que estamos evocando à toda hora, o desejo por qualquer coisa do outro se encontra legitimado, sancionado, e de certo modo já o que aparece aqui como um relâmpago se oculta na fenomenologia sob a qual o sujeito se exprime. A fenomenologia sob a qual ele o exprime, nós poderemos assumí-la sob a forma seguinte: o sujeito tem ou não a arma absoluta? Na falta de ter a arma absoluta ele vai se achar entranhado em uma série de identificações, de álibis, de jogos de esconde-esconde que - eu o repito, nós não podemos mais desenvolver aqui as dicotomias - podem levá-lo muito longe.

O essencial é isto: quero indicar-lhes como o desejo encontra a origem de sua peripécia à partir do momento em que se aliena em algo que é um signo, em uma promessa, em uma antecipação comportando alhures como tal uma perda possível; como o desejo está ligado à dialética de uma falta subsumida em um tempo que como tal é um tempo que não está aí, não mais que o signo na ocasião não é o desejo. Isto a que o desejo tem a se confrontar, é a este medo que ele não se mantenha sob sua forma atual senão de *artifex*, se posso me exprimir assim, [medo] de que ele pereça. Mas, bem entendido, este *artifex* que é o desejo que o homem sente, provado como tal, este *artifex* não pode perecer senão ao olhar do artifício de seu próprio dizer. É na dimensão do dizer que este medo se elabora e se estabiliza.

É aí que nós encontramos este termo tão surpreendente e tão curiosamente deixado de lado na análise, este do qual lhes disse que Jones havia emitido como suporte de sua reflexão, este de *afânise*. Quando Jones para, pensa sobre a fenomenologia da castração, fenomenologia na qual vocês vêem bem pela experiência, pelas publicações, que ela fica cada vez mais velada na experiência psicanalítica, se posso dizer assim, moderna. Jones, na etapa da análise em que se encontra, confrontado a todo tipo de tarefas diferentes daquelas oferecidas pela experiência moderna, uma certa relação ao doente na análise, que não é esta que foi reorientada desde então segundo outras normas para uma certa necessidade de interpretação, de exegese, de apologética, de explicação do pensamento de Freud. Jones, se podemos dizer assim, tenta encontrar este intermediário, este meio de se fazer entender a propósito do complexo de castração uma vez que isto de que o sujeito teme ser privado é de seu próprio desejo.

17 de dezembro de 1958

Não é preciso se surpreender com este termo, *afânise*, que quer dizer desaparecimento, e especialmente do desejo. No texto de Jones vocês verão que é bem disto que se trata, que é isto que ele articula, este termo que lhe serve de introdução por causa de uma problemática que, o querido, lhe deu muitas preocupações: esta das relações da mulher com o falo e da qual não se liberou jamais. E de repente ele usa esta *afânise* para colocar sob o mesmo denominador comum as relações (*rappor*t) do homem e da mulher a seu desejo, o que o coloca em um impasse, pois isto implica desconhecer que estas relações são fundamentalmente diferentes e únicas, pois está aí o que Freud descobriu em razão de sua assimetria em relação (*rappor*t) ao significante falo. Isto, penso que já os fiz sentir para que nós possamos considerar, ao menos hoje, a título provisório, de que há aí algo de adquirido.

A utilização desta afânise, esteja ela na origem da invenção ou somente em seus seguimentos, marca uma espécie de inflexão que, em suma, desvia seu autor do que é a verdadeira questão, a saber, o que é que significa, na estrutura do sujeito, esta possibilidade da afânise? De outro modo, não nos obriga ela justamente a uma estruturação do sujeito humano enquanto tal, enquanto um sujeito para quem a existência é algo que se pode supor e é suposta além do desejo, um sujeito que *ex-siste*, que sub-siste fora do que é seu desejo?

A questão não é saber se teremos em conta, objetivamente, o desejo em sua forma mais radical, o desejo de viver, os instintos de vida como dizemos, a questão é outra, trata-se do que a análise nos mostra; nos mostra como posto em jogo no vivido do sujeito, isto mesmo, quero dizer que não se trata de que o vivido seja sustentado, como nós bem suspeitamos, pelo desejo, mas que o sujeito humano, tendo-o em conta, se posso dizer, conta com o desejo como tal, que ele tem medo, se posso me exprimir assim, que o élan vital, este caro élan vital, esta charmosa encarnação, é mesmo o caso de falar de antropomorfismo do desejo humano na natureza, pois justamente este famoso élan com o qual nós tentamos dar início, esta natureza da qual não compreendemos grande coisa, este élan vital, quando se trata dele, o sujeito humano o vê diante de si e tem medo que ele lhe falte.

Isto por si sugere a idéia de que não fariamos mal ter algumas exigências de estrutura, pois em fim trata-se mesmo aí de outra coisa que dos reflexos da inconsciência; eu me refiro a esta relação sujeito-objeto imanente, se posso dizer assim, à pura dimensão do conhecimento e que por certo se trata do desejo como a experiência nos mostra, quero dizer a experiência freudiana, o que nos colocará frente a problemas um pouco mais complicados.

Nós podemos, com efeito, uma vez que partimos da impotência, chegar a um outro termo. Se a impotência teme, não é a potência nem a impotência, o sujeito humano na presença de seu desejo chega mesmo a satisfazê-lo, a antecipá-lo como satisfeito. É notável do mesmo modo ver estes casos onde, quando está pronto para satisfazê-lo, quer dizer, não tocado pela impotência, o sujeito teme a satisfação de seu desejo como o fazendo depender daí em diante justamente daquele ou daquela que irá satisfazê-lo, isto é, do *outro*

O fato fenomenológico é cotidiano, é mesmo o texto corrente da experiência humana. Não há necessidade de ir aos grandes dramas que tem servido de exemplo e de ilustração desta problemática para ver como uma biografia, ao longo de seu curso, passa seu tempo a desenrolar-se em sucessivos evitamentos disto que têm sido pontuado sempre como o mais pregnante desejo. Onde está esta dependência do *outro*? Esta dependência do outro que de

17 de dezembro de 1958

fato é a forma e o fantasma sob o qual se apresenta o que é temido pelo sujeito e que o faz afastar-se da satisfação de seu desejo?

Isto talvez não seja simplesmente o que a gente possa chamar de “temor ao capricho do *outro*”, este capricho que, não sei se vocês se dão conta, não tem muita relação com a etimologia vulgar, a do Dicionário Larousse que a relaciona à cabra<sup>2</sup> e ao camaleão. *Caprice*; *capriccio*<sup>3</sup>, isto quer dizer o frisson em italiano e é daí que o tomamos; isto não é outra coisa que a mesma palavra igualmente querida por Freud, que se chama *Sich sträuben*<sup>4</sup>, eriçar-se. E vocês sabem que através de toda sua obra esta é uma das formas metafóricas sob a qual, para Freud, se encarna para todos os propósitos, me refiro aos propósitos os mais concretos, quer ele fale de sua mulher, quer ele fale de Irmã, quer ele fale do sujeito que resiste, é uma das formas sob a qual ele encarna do modo mais sensível sua apreciação da resistência.

Não se trata tanto de que o sujeito dependa essencialmente porque ele representa para si o *Outro* como sendo o tal de seu capricho; trata-se, e é nisto que ele está velado, trata-se justamente de que o *Outro* não marca seu capricho por signos e que não há signos suficientes da boa vontade do sujeito, senão a totalidade dos signos onde ela subsiste, que não há – na verdade – outro signo do sujeito que o signo de sua abolição de sujeito.

É o que se escreve assim: \$ *a*; isto lhes mostra que quanto ao seu desejo, em suma, o homem não é verdadeiro, pois por pouco ou muito de coragem que ele coloque aí, a situação lhe escapa radicalmente; em todo caso, que este desvanecimento, este algo que alguém após meu último seminário chamou, falando comigo logo em seguida, de *umbilicação* do sujeito ao nível de seu querer, e eu recolhi de muito boa vontade esta imagem disto que eu quis fazê-los sentir em torno do \$ em presença do objeto *a*, e tanto mais dado que estritamente conforme ao que Freud designa quando ele fala do sonho, ponto de convergência de todos os significantes, onde o sonho finalmente se implicava tanto que ele o chama de o próprio desconhecido, não tendo reconhecido que este *unbekannt* (desconhecido), termo tão estranho sob a pena de Freud, não é senão justamente este ponto por onde eu tentei lhes mostrar o que fazia a diferença radical do inconsciente freudiano: não é que ele se constitua, que ele se institua como inconsciente simplesmente na dimensão da inocência do sujeito em relação ao significante que se organiza, que se articula em seu lugar; é que há nesta relação do sujeito ao significante este impasse essencial, este, e eu acabo de reformular que não há outro signo do sujeito que o signo de sua abolição de sujeito.

As coisas não se sustentam aí, se vocês pensarem bem, pois depois de tudo se não se tratasse senão de um impasse como se diz, isto não nos levaria longe. Trata-se de que o próprio dos impasses é justamente que eles são fecundos e este impasse não tem outro interesse senão o de nos demonstrar o que ele desenvolve como ramificações que são justamente aquelas nas quais irá se engajar efetivamente o desejo. Tentemos distingui-las. Esta afânise, há um momento no qual é preciso que em suas experiências, me refiro a esta

<sup>2</sup> Caprice: n. m. (lat. *Capra*, chèvre, à cause de l'allure capricieuse de cet animal). Volonté subite et irréfléchie; goût soudain et passager pour une personne ou une chose; fantaisie d'esprit, d'imagination. – Pierre Larousse, *Dictionnaire complet illustré* Paris, Vê. P. Larousse et Cie., Imprimeurs-Éditeurs, 48e édition, 1890.

<sup>3</sup> Capriccio: s m capricho, birra, manha; extravagância, fantasia, vontade. – Pequeno Dicionário Michaelis.

<sup>4</sup> *Sich sträuben* arrepiar-se.

experiência na medida em que ela não é apenas a experiência de suas análises, mas a experiência também dos modos mentais sob os quais vocês são levados a pensar esta experiência sob o ponto do complexo de Édipo onde ela aparece como relâmpago, quando lhes dizem que no Édipo invertido, quer dizer no momento em que o sujeito entrevê a solução do conflito edípico no fato de atrair para si pura e simplesmente o amor mais potente, isto é, o do pai, o sujeito se esconde, nos dizem, na medida em que seu narcismo é ameaçado, pois receber o amor do pai comporta para ele a castração. Isto é assim, quando a gente não pode resolver uma questão, nós a consideramos como compreensível; é o que se faz habitualmente, o que não é assim tão claro é que o sujeito ligue este momento de solução possível, uma solução tanto mais possível que em parte será a via emprestada, pois a introjeção do pai sob a forma de Ideal do eu será mesmo alguma coisa que se pareça com isto. Há uma participação da função dita invertida do Édipo em sua solução normal que do mesmo modo é um momento posto em evidência por uma série de experiências, de entrevistas, especialmente na problemática da homossexualidade onde o sujeito sente este amor do pai como essencialmente ameaçante, como comportando esta ameaça que nós qualificamos, na falta de poder lhe dar um nome mais apropriado, e, enfim, este termo não é assim tão impróprio, os termos têm guardado na análise felizmente muito do sentido e do caráter denso, pesado e concreto, pois que é isto no final das contas que nos dirige. Sentimos bem, notamos que há narcismo no caso e que este narcismo está interessado neste desvio do complexo de Édipo.

Sobretudo, a coisa nos será confirmada pelas vias ulteriores da dialética quando o sujeito estiver entranhado nas vias da homossexualidade. Elas são, vocês sabem, muito mais complexas, bem entendido, que aquelas de uma pura e simples exigência sumária da presença do falo no objeto, de modo mais fundamental, ela está aí encoberta.

Mas não é por aí que quero entrar. Isto simplesmente nos introduz a esta proposição que para fazer face a esta suspensão do desejo na orla da problemática do significante, o sujeito terá diante de si uma astúcia se podemos dizer assim. Estas astúcias levam de entrada essencialmente à manipulação do objeto, do *a* em sua fórmula. Esta apreensão do objeto na dialética das relações do sujeito e do significante não deve ser posta no princípio de qualquer espécie de articulação da relação de objeto que eu tento fazer nestes últimos anos com vocês, pois nós a vemos todo o tempo e por toda parte. Eu preciso lembrar-lhes neste momento da vida do pequeno Hans quando, a propósito de todos os objetos, ele se demanda: ele tem ou não um falo? Basta ter uma criança para que possamos perceber sob todas as suas formas esta função essencial que aí aparece a céu aberto. No caso do pequeno Hans trata-se do *faz-pipi*, do *Wiwimacher*. Vocês sabem durante qual período e a que propósito e a qual desvio, aos dois anos, esta questão se coloca para ele a propósito de todos os objetos definindo uma classe de análise que Freud assinala incidentalmente como um modo de interpretação desta forma<sup>5</sup>.

Isto, por suposto, não é uma posição que de algum modo nos faça traduzir a presença do falo na dialética. Isto não nos informa de modo nenhum, nem sobre o uso – que é o que eu espero mostrar-lhes quando chegar a hora – nem sobre a estabilidade do procedimento. O que eu quero indicar-lhes, simplesmente, é que nós temos o tempo todo testemunhos, que nós não nos perdemos, que os termos, a saber, são mesmo estes: o sujeito, e isto por sua desaparecimento, seu enfrentamento a um objeto, qualquer coisa que de tempos em tempos se revela como sendo o significante essencial ao redor do qual se passa toda sorte de toda esta

---

<sup>5</sup> Outra versão do Seminário, diz aqui “desta fobia”.

relação do sujeito ao objeto, e agora, para evocar rapidamente em que sentido, no sentido mais geral, se produz esta incidência concernente ao objeto, quero dizer o pequeno *a* de nosso algoritmo, do ponto de vista do que poderíamos chamar a especificidade instintual do ponto de vista da necessidade.

Nós já sabemos o que acontece em uma relação impossível, se podemos dizer assim, tornada impossível pela presença, pela interposição do significante, na medida em que o sujeito tem que se manter aí em presença do objeto. É claro que o objeto humano sofre esta espécie de volatilização que é o que chamamos em nossa prática concreta a possibilidade do deslocamento, o que não quer dizer simplesmente que o sujeito humano, como todos os sujeitos animais, veja seu desejo deslocar-se de objeto em objeto, mas que este deslocamento mesmo é o ponto onde pode se manter o frágil equilíbrio de seu desejo.

E no final das contas, de que se trata? Trata-se, eu diria, de considerar, de um certo lado impedir a satisfação guardando sempre o objeto do desejo. De certo modo, é ainda uma maneira, se podemos dizer, de simbolizar metonimicamente a satisfação, e nós avançamos aí diretamente na dialética do cofre e do avaro. Ela está longe de ser a mais complicada, ainda que não vejamos claro o de que se trata. Trata-se de que é preciso que o desejo subsista nestas ocasiões, em uma certa retenção do objeto, como dizemos, fazendo intervir a metáfora anal. Mas é na medida em que este objeto retido não é ele mesmo o objeto de nenhum outro gozo, que esta retenção do suporte do desejo, é bem o caso de dizer, a fenomenologia jurídica carrega as marcas: dizemos estar no gozo de um bem. O que é que isto quer dizer? Não é justamente eu é completa e humanamente concebível ter um bem do qual não se goze e que seja um outro a gozar dele? Aqui o objeto revela sua função de penhor (*gage*), de objeto empenhado ao desejo, se podemos dizer assim, para não dizer de refém (*otage*), e se vocês querem que tentemos fazer aqui uma ponte com a psicologia animal, nós evocaremos o que foi dito pelo pessoal da etologia, por um de nossos irmãos mais exemplares, mais imaginativos. Quanto a mim, tenho uma grande tendência em dar-lhe crédito. Eu me encontrei, eu me apercebi, com alguém que escreveu um pequeno volume. Eu não queria contar-lhes pra não distraí-los. Este livrinho acaba de aparecer e se chama *A ordem das coisas*. Felizmente é um pequeno livro, de Jacques Brosser, personagem até aqui completamente desconhecido. Apareceu em Plon.

Trata-se de uma espécie de pequena história natural. É assim que eu interpreto. Uma pequena história natural na medida de nosso tempo. Quero dizer que:

1. Isto nos restitui o que é tão sutil e tão charmoso como o que encontramos na leitura de Buffon, e depois em nenhuma outra publicação científica, ainda que pudéssemos nos entregar a este exercício agora que sabemos sobre o comportamento, sobre a etologia dos animais, mais ainda que Buffon. Nas revistas especializadas é ilegível.
2. O que é dito neste livrinho, vocês o verão expresso em um estilo, devo dizê-lo, bastante notável. Vocês lerão, sobretudo, o que está no meio e que se chama *Vidas paralelas*, a vida da cigarra, a vida da formiga.

Pensei neste pequeno livro porque seu autor tem isto em comum comigo: para ele a questão dos mamíferos está resolvida. Não há, fora do homem, um mamífero essencialmente problemático; não é preciso para isto ver mais que o papel das mamas em nossa imaginação. Não há fora do homem, enquanto mamífero, senão um único mamífero verdadeiramente sério, o hipopótamo. Todo o mundo está de acordo com isto, basta ter um pouco de sensibilidade. O poeta T.S.Eliot, que tinha funestas idéias metafísicas, mas



que contudo era um grande poeta, simbolizou assim, de um golpe, no hipopótamo, a igreja militante. Voltaremos a isto mais tarde.

Voltemos ao hipopótamo. O quê faz este hipopótamo? Sublinham-nos as dificuldades de sua existência. Estas são grandes, parece, e uma das coisas essenciais é que ele guarda o campo de suas pastagens, pois é preciso que ele tenha suas reservas. Isto é um ponto essencial: ele marca então seu território limitando-o por uma série de mudas (*relais*), pontos que devem marcar suficientemente para todos aqueles que se reconhecem, isto é, seus semelhantes, que aqui ele está em casa. Isto para lhes dizer que nós sabemos bem que não se trata de que não haja atividade simbólica nos animais. Como vocês vêem bem, trata-se no mamífero de um simbolismo especialmente excremental.

Se o hipopótamo, em suma, consegue guardar suas pastagens com seus excrementos, nós encontramos que o progresso realizado pelo homem, e a verdade é que não saberíamos como entrar na questão se não tivéssemos este singular intérprete da linguagem que, embora não saibamos de onde vem, mas que é ela que faz intervir aí dentro a complicação essencial, quer dizer que ela nos leva a esta relação problemática com o objeto que o homem, ele, não é sua pastagem que ele guarda com a merda; é sua *merda* que ele cuida em penhor de sua pastagem essencial, da pastagem essencialmente a determinar e é esta a dialética do que chamamos simbolismo anal, desta nova revelação das núpcias químicas, se posso exprimir assim, do homem com seu objeto, que é uma das dimensões absolutamente insuspeitas até nos ser revelado pela experiência freudiana.

No final das contas eu simplesmente quis aqui lhes indicar em que direção e porque se produz isto, em suma, que é a mesma questão que em sua polêmica com Proudon, Marx, sem resolvê-la, e da qual nós podemos dar um pequeno enfoque, ao menos como explicação, como se faz para que os objetos humanos passem de um valor de uso a um valor de troca. É preciso ler este trecho de Marx, pois é uma boa educação para o espírito. Ela se chama *Filosofia da Miséria, Miséria da Filosofia*. Ele se dirige a Proudon, e as poucas páginas nas quais ele o ridiculariza, este querido Proudon, por ter decretado que esta passagem de um a outro se faz por puro decreto dos cooperativistas dos quais se trata de saber por que se tornaram cooperativistas e com a ajuda de quem. O modo como Marx o destripa durante vinte, trinta boas páginas, sem contar a continuação da obra, é algo muito saudável e educativo para o espírito.

Eis aqui, pois, tudo o que se passa para o objeto, certamente, e o sentido desta volatilização, desta valorização que é igualmente desvalorização do objeto, me refiro a esta extirpação (*arrachement*) do objeto ao campo puro e simples da necessidade; está aí algo que, depois de tudo, não é senão uma lembrança da fenomenologia essencial, da fenomenologia do bem, para dizer propriamente, e, atenção, em todos os sentidos da palavra *bem*

Mas deixemos isto no momento, por hoje, simplesmente como esboço. Digamos simplesmente que a partir do momento em que o que está interessado como objeto é o *autrui* o próximo (*autrui*), especialmente o *parternaire* sexual. Isto, bem entendido, entranha um certo número de conseqüências. Elas são tanto mais sensíveis que se trataria a todo o momento do plano social. É claro que o de que se trata aqui está na base do contrato social, de modo que é preciso tomar em cona as estruturas elementares do pensamento, uma vez que o *parternaire* feminino, sob uma forma que é ela mesma uma forma que não é sem latência e sem retorno, e é – como nos mostrou Lévy-Strauss – objeto de troca. Esta troca não é simples. Para dizer logo o de que se trata, diremos que como objeto de troca a mulher é, se podemos dizer assim, um mau negócio para aqueles que realizam a operação,

17 de dezembro de 1958

pois tudo isto nos engaja nesta mobilização, se podemos dizer, real, que se chama a prestação, o aluguel dos serviços do falo. Nós nos colocamos aí, naturalmente, na perspectiva do utilitarismo social, e isto, como sabem, não acontece sem alguns inconvenientes. Foi mesmo daí que parti faz pouco.

Que a mulher nisto sofra algo de muito inquietante como transformação, a partir do momento em que é incluída nesta dialética, como objeto socializado, é uma coisa que é verdadeiramente divertido ver como Freud, na inocência de sua juventude, pode falar, nas páginas 192-193 do tomo I de Jones. O modo como propôs os termos emancipatórios da mulher em Mill, pois sabem que Freud em certo momento fez algumas traduções à instâncias de [Theodor] Gomperz, em que Mill fala de temas emancipatórios, e depois, em uma carta para sua própria noiva ele lhe mostra pra que serve uma mulher, uma boa mulher. Isto vale mil quando pensamos que ele esta no máximo de sua paixão, esta carta que ele termina dizendo que uma mulher deve ficar em seu lugar e dar conta de todos os serviços que não são de modo nenhum diferentes dos famosos Cri-Cri-Cri, crianças, Cristos, Criadas (KKK: *Kinder, Kirchen, Küche*)<sup>6</sup>. Eu penso que nesta época ele tomava de boa vontade a si mesmo como o ... eventual de sua mulher. E o texto termina com uma passagem que devo ler-lhes em inglês, pois este texto não foi jamais publicado em outra língua: *A legislação e os costumes concederão às mulheres muitos direitos que ainda lhes são vedados, mas a posição da mulher não pode ser diferente: ser uma namorada adorada na mocidade e uma esposa amada na maturidade*<sup>7</sup>. Eis aí algo que não é completamente sem interesse para nós e que nos mostra de que experiência Freud partiu, e que nos faz perceber igualmente qual caminho ele teve de percorrer.

Outro aspecto possível, e não é por nada que entramos na dialética social, é que diante desta posição problemática há uma outra solução para o sujeito. A outra solução para o sujeito, nós também a sabemos por Freud, é a identificação. Mas identificação a quê? A identificação ao pai; mas identificação ao pai por quê? Eu já lhes indiquei: na medida em que é ele que de algum modo é percebido como aquele que conseguiu superar realmente este lugar de impasse, isto é aquele a quem se considera ter realmente castrado a mãe; diria que é considerado porque, desde logo, ele não é outra coisa que considerado e, ademais, há algo aí que se apresenta como essencial. Está aí a problemática do pai, e talvez, se eu aí volto hoje com alguma insistência, é na linha de algo que foi agitado ontem à noite em nossa reunião científica, a saber, justamente a função do pai, a senhorilidade do pai, a função imaginária do pai em certas esferas da cultura.

É certo que há aí uma problemática que não deixa de apresentar todo tipo de possibilidades de deslizamentos, pois o que é preciso ver é que a solução aqui preparada, se podemos dizer assim, é uma solução direta: o pai é já um tipo, no sentido próprio do termo, tipo sem nenhuma dúvida presente nas variações temporais. Nós não estaríamos interessados de tal modo em algo que não tivesse estas variações, mas nós não podemos conceber aqui a coisa de outro modo que em suas relações com uma função imaginária, negando a relação do sujeito com o pai, esta identificação ao ideal do pai graças ao qual, talvez, nós possamos dizer, ao final das contas, que em média as noites de núpcias são satisfatórias e terminam bem, embora uma estatística jamais tenha sido feita de modo estritamente rigoroso...

<sup>6</sup> Referência à carta de [1]5 de novembro de 1883. Na Edição em espanhol da Ed. Horne, pp. 185-7.

<sup>7</sup> Conforme tradução de Agenor Soares dos Santos para a Ed. Nova Fronteira, *Sigmund Freud, Correspondência de amor e outras cartas*, 1982, p. 99.

17 de dezembro de 1958

Isto está evidentemente ligado a dados de fato, mas também a dados imaginários e não resolve em nada para nós a problemática, e mais, nem para nós nem, bem entendido, para nossos pacientes, e talvez sobre este ponto nós nos confundamos, não resolve em nada para nós a problemática do desejo. Nós veremos, com efeito, que esta identificação à imagem do pai não é senão um caso particular disto que nos falta agora abordar como sendo a solução mais geral, quero dizer nas relações, neste enfrentamento do  $\$$  com o  $a$  de objeto; a introdução sob a forma mais geral da função imaginária; o suporte, a solução, a via de solução que oferece ao sujeito a dimensão do narcismo, que faz que o Eros humano esteja engajado em uma certa relação com uma certa imagem, que não é outra coisa que uma relação ao seu próprio corpo e na qual poderá se produzir esta mudança, esta intervenção na qual eu tentarei articular para vocês o modo em que se apresenta o problema do enfrentamento do  $\$$  com o  $a$  minúsculo.

É sobre este ponto que nós retomaremos, pois já são quinze para as duas, depois das férias. Eu retomarei em 7 de janeiro hoje já não posso ir mais adiante. Vocês verão como, sobre este  $a$  minúsculo, nós teremos enfim a ocasião de precisar em sua essência, em sua função, a saber a natureza essencial do objeto humano na medida que, como já esbocei longamente nos seminários precedentes, ele está fundamentalmente marcado, todo o objeto humano, de uma estrutura narcísea, desta relação profunda com o Eros narcíseo.

Como este objeto humano, enquanto que marcado por isto, se encontra na estrutura mais geral do fantasma, recebendo normalmente o mais essencial das *Ansätze* do sujeito, a saber nem mais nem menos que seu afeto em presença do desejo, este temor, esta imanência na qual eu lhe designava a recém que retém por essência o sujeito a borda de seu desejo? Toda a natureza do fantasma consiste em transferi-la<sup>8</sup> ao objeto.

Isto nós veremos ao estudar, ao retomar um certo número de fantasmas, aqueles dos quais nós temos desenvolvido até aqui a dialética e não será senão a partir de um fundamental, porque um dos primeiros descobertos, deste fantasma *Uma criança é batida*, onde vocês verão os traços mais essenciais desta transferência de afeto do sujeito, na presença de seu desejo, sobre seu objeto enquanto narcíseo.

Inversamente isto que torna o sujeito o ponto em que se estrutura; porque ele se estrutura como eu ( $m$ ) e ideal do eu. Isto não poderá, justamente, ao final das contas, lhes ser entregue, quer dizer ser percebido em sua necessidade estrutural absolutamente rigorosa, senão como sendo o retorno, o reenvio desta delegação que o sujeito fez de seu afeto a este objeto, a este  $a$  do qual nós não ainda não falamos verdadeiramente, como sendo seu reenvio; eu quero dizer como necessariamente ele deve ele mesmo se colocar, não entanto  $a$ , mas entanto imagem de  $a$ ,  $i(a)$ , imagem do *outro* o que é uma só e mesma coisa com o  $m$ ; esta imagem do *outro* sendo marcada deste índice, de um maiúsculo  $I$ , de um ideal do eu enquanto que ele é ele mesmo o herdeiro de uma relação primeira do sujeito, não com seu desejo, mas com o desejo de sua mãe, o ideal tomando o lugar do que, no sujeito, foi provado como o fato de uma criança desejada.

Esta necessidade, este desenvolvimento, é pelo que ele vem se inscrever em um certo traço, formação do algoritmo que eu posso já inscrever no quadro para lhes anunciar para a próxima vez:

$$i(a) / \$ \leftrightarrow a / I$$

---

<sup>8</sup> Estas coisas da nota anterior.

Em uma certa relação com o *outro* na medida em que ele é afetado por um *outro*, quer dizer pelo próprio sujeito enquanto afetado por seu desejo.

Isto nós veremos na próxima vez.

de interpor neste momento crucial da vida do sujeito que é realizado pela desaparecimento do pai, pois que se trata no sonho de interpor esta imagem do objeto e incontestavelmente o apresenta como suporte de um véu, de uma ignorância perpétua, de um apoio dado a isto que era em suma até aí o alibi do desejo, pois do mesmo modo a função mesma da interdição veiculada pelo pai, está bem aí algo que dá ao desejo em sua forma enigmática, quer dizer abissal, este algo no qual o sujeito se encontra separado, este resguardo, esta defesa no final das contas, como bem o entreviu Jones, e nós veremos hoje que Jones teve certas percepções muito extraordinárias de certos pontos desta dinâmica psíquica, este pretexto moral para não afrontar em seu desejo.

Podemos dizer que a interpretação pura e simples do desejo edípico não seja aqui algo que, em suma, se enganche a alguma etapa intermediária da interpretação do sonho? Permitindo ao sujeito fazer o quê? – Para falar com propriedade, este algo em que reconhecerão a natureza com a designação de identificar-se ao agressor, isto é outra coisa que a interpretação do desejo edípico, neste nível e nestes termos em que vocês quiseram a mortes de seus pais em tal data e por tal razão.

Em vossa infância, em alguma parte da infância está a identificação ao agressor. Vocês não a reconheceram tipicamente senão por ser uma das formas da defesa, isto é essencial? Não há aí algo que se proponha no mesmo lugar em que esteja elidido o *segundo seu voto*? Será que o *segundo* e seu sentido não estão para uma interpretação plena do sonho? Sem dúvida alguma isto, deixando de lado as oportunidades e as condições que permitem ao analista chegar até aí, elas dependerão do tempo do tratamento, do contexto da resposta do sujeito nos sonhos, pois nós sabemos que na análise o sujeito responde ao analista, pelo menos a este que se tornou analista na transferência, por seus sonhos.

Mas essencialmente, eu diria, na posição lógica dos termos, não se trata de que ao *segundo seu voto* está colocada uma questão à qual nós nos arriscamos sempre de dar uma forma precipitada, alguma resposta precipitada, alguma resposta prematura, alguma evitação oferecida ao sujeito daquilo de que se trata, a saber o impasse em que o coloca esta estrutura fundamental que faz do objeto de todo desejo o suporte de uma metonímia essencial, e algo onde o objeto do desejo humano como tal se apresenta sob uma forma

evanescente na qual nós podemos entrever que a castração pode ser o que nós poderíamos chamar o último temperamento?